

EDITORIAL

Magma apresenta novo volume com algumas das atividades ocorridas ao longo de 2021 no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (DTLLC/USP).

A primeira seção da revista retoma um importante projeto aqui elaborado, o da Memória Docente, a partir de entrevistas com professores que atuaram no DTLLC. Tais depoimentos rememoram a atuação docente, agora já com o acúmulo do passar do tempo, refletindo a respeito de trajetórias acadêmicas de décadas, incluindo nelas a pesquisa, a produção, a sala de aula, entre outras partes da vida universitária. “As formas da urgência: crítica, docência e militância”, entrevista conduzida por Thiago Martiniuk, Gustavo Assano, João Pace e Maria Elisa Perez Pagan, é o título que não só revela toda uma carreira acadêmica como também uma forma de agir no mundo, a partir da (e tendo a) sala de aula como cena principal, de Ivone Daré Rabello, professora aposentada do DTLLC.

Muitos dos ataques direcionados à universidade pública nos últimos anos ganham, com esta entrevista, outro tipo de contorno, não apenas de um panorama intelectual do país, mas também de inspiração para o que ainda pode ser feito dentro da Universidade. Desde a sua formação inicial até os anos em que atuou na USP, Ivone D. Rabello nos apresenta um testemunho único de como conciliar militância, crítica e a construção de outros olhares no mundo através do diálogo com figuras fundamentais, a quem a professora retoma mais de uma vez em seus agradecimentos. Tudo isso revela um quadro rico na trajetória única da entrevistada, resumida, por excelência, no exercício da profissão de crítica, pesquisadora e professora de literatura.

Entrelaçando os termos destacados pelo título da entrevista, crítica, docência e militância formam o retrato de uma experiência de vida que se viu, incessantemente, lendo, relendo e agindo no mundo ao seu redor, sempre em diálogo com aqueles a constituírem sua própria construção política. Ficam assim evidentes as marcas da memória: nomes como os de

Antonio Candido, Roberto Schwarz, João Luiz Lafetá, Paulo Eduardo Arantes, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade e Cruz e Sousa são parte deste grande retrato de uma vida toda marcada pelo entrecruzamento das questões urgentes que não separaram a formação de Ivone Rabello em faces sem diálogo, mostrando como exemplo que, a partir da necessidade de se (re)conhecer enquanto ser político, a própria construção de seu arcabouço crítico reflete tanto a sua voz quanto aquilo a ser pensado como projeto para as novas gerações. Como relembra a entrevistada, o espaço da sala de aula como possibilidade de formação de um futuro reflete a importância do ensino (e suas variadas formas), bem como a centralidade da figura a se colocar como representante do diálogo com a instituição – o professor.

Convidamos então o público a ler esse depoimento que convoca a todos a compreender a contínua necessidade de um olhar mais amplo sobre questões ainda determinantes da atual situação brasileira, com especificidades que merecem atenção crítica capaz de perceber matizes de nosso tempo, tal como o faz a professora Ivone. Mais uma vez, o horizonte aqui é o da busca de novos olhares a determinar aquilo que, unindo os três termos das formas da urgência que sempre acompanharam Ivone Daré Rabello (crítica, docência e militância), não só atua para a alteração mais que necessária do presente, visando ao fim das agruras já percebidas há tempos, como também acusa a chance de mudança para o mundo ainda porvir.

*

A seção *Ensaios de Curso* se abre com o artigo “O compromisso político de Bertolt Brecht”, de Beatriz Calló, que trata justamente do engajamento político formalizado na obra do dramaturgo. A leitura de Calló revela a organização da dramaturgia brechtiana como um procedimento estético de maturação de seu pensamento político frente às urgências históricas vividas com a ascensão do nazifascismo.

Já em “Gustave Flaubert e o castigo histórico do mau leitor”, Maria Elisa Pagan constrói uma exposição panorâmica das leituras que Georg Lukács faz da obra de Flaubert ao longo da sua produção crítica, tendo como referência a interpretação de Dolf Oehler sobre *A educação sentimental* e as duras críticas feitas por Theodor Adorno aos escritos de orientação marxista do filósofo húngaro.

Na sequência, temos o artigo de Dimitri Takamatsu Arantes, “‘A sintaxe é também uma arma’: *Vidas Secas* nos estertores do romance de 30”, que propõe uma interpretação do romance de Graciliano Ramos à luz dos impasses estético-ideológicos herdados pelo romance de 1930 do primeiro momento modernista.

“*Quincas Borba* e o romance oitocentista francês: coisas deles, coisas nossas”, de André Tadao Kameda, propõe uma leitura comparada entre as obras *A educação sentimental* (1967) e *Quincas Borba* (1891), partindo da ebuliente França retratada no romance de Flaubert e das convergências de enredo nas duas obras. Sua base teórica é principalmente Georg Lukács, que leu o romance francês com base na historicidade presente na obra. Mobilizando categorias da teoria da narrativa, o autor também reflete sobre aspectos formais que levam os artistas a decidirem por determinadas técnicas para narrar.

Em “Adorar, demorar e comer: ler e comentar Jacques Derrida e suas perguntas a partir da pergunta ‘che cos’è la poesia?’”, Fabio Pomponio Saldanha relê e comenta “Che cos’è la poesia?”, de Jacques Derrida, atravessando a possibilidade de leitura e contra-leitura, da crítica, do comentário e da própria relação leitor-poema suscitada pelo ensaio.

Na sequência, em “Montagem, realismo, modernidade: uma leitura de *Berlin Alexanderplatz*, de Alfred Döblin, à luz de considerações de Walter Benjamin”, Lara C. Casares Rivetti revisita a obra experimental de Döblin e o famoso ensaio de Benjamin para refletir sobre forma, montagem e realismo na fatura cheia de tensões de um dos romances mais importantes do século XX.

Luísa de Quadros Coquemala, por sua vez, analisa a diferença no processo formativo das personagens centrais de *A montanha mágica* (1924) e *Doutor Fausto* (1947), de Thomas Mann, em “A ruptura de Adrian Leverkühn e a formação de Hans Castorp: *Doutor Fausto* e *A montanha mágica* em perspectiva comparada”.

O texto de Eduardo Savella (“*Laocoonte* em movimento”) revisa argumentos de dois textos paradigmáticos nos estudos comparativos entre pintura e poesia (os de Aguinaldo José Gonçalves e Márcio Seligmann-Silva) para pensar, através da comparação, suas diferenças assim como as proposições de cada um dos textos, a partir de suas complementações histórico-filosóficas, em seu eixo comum, a obra *Laocoonte*, de G. E. Lessing. Os argumentos parecem aderir, ora perante um, ora perante outro autor, aquilo que se torna o próprio encerramento do texto de Savella: a sugestão de uma nova maneira de traduzir a própria comparação, quando pensados os limites, os cruzamentos e os novos tempos nos estudos comparativos de literatura e pintura.

A seção *Ensaaios de Curso* se encerra com o artigo de Rafael Mariano dos Santos, intitulado “Sobre o gênero literário do *Quixote*”, ao tentar reler, através do texto cervantino, se o mesmo poderia, sem nenhuma matização, ser entendido, de fato, como um romance, revisitando questões do gênero a partir da historiografia e do registro literário.

*

Na sequência, a seção dedicada ao evento “Voz do escritor” relembra o encontro organizado em 23 de novembro de 2021 que contou com a presença do escritor Luiz Ruffato, mediado à distância pelo professor Marcos Piason Natali e pela pós-graduanda Nathalia E. Colli. O evento, tradicionalmente voltado aos alunos e às alunas do primeiro ano da graduação no curso de Letras da USP, tem como mote a discussão dos processos criativos e daquilo que move autores e autoras no ofício da escrita no Brasil atual.

“Povo é artifício: sobre o mosaico narrativo de Luiz Ruffato”, de Nathalia E. Colli, faz mais do que simplesmente apresentar a obra de Ruffato, cuja importância na tradução da atual experiência brasileira fragmentária e dos novos experimentos na literatura se faz mais do que evidente; mais do que isso, ao nos conduzir em meio a um panorama de temas e mudanças na obra de Ruffato, Colli apresenta como possibilidade primeira de diálogo a percepção não só da produção literária como também da existência enquanto sujeitos cientes de si e do mundo, das dificuldades passíveis de enfrentamento no mundo e na literatura, principalmente quando ambos entram em confluência na experiência da escrita fragmentada, como bem lembra a autora em seu paralelo com clássicos estudos realizados por Arrigucci Jr. e Campos a respeito de *Rayuela*, de Julio Cortázar.

A seção se encerra com um texto inédito de Luiz Ruffato, “Khadijah (Maëlys)”, gentilmente cedido pelo autor para que compuséssemos mais um novo caminho ainda em elaboração em sua obra literária.

*

Em nossa seção *Tradução*, apresentamos três textos.

Os dois primeiros, “Manifesto” (1922), de Arishima Takeo, e “Movimento literário e movimento dos trabalhadores” (1922), de Hirabayashi Hatsuosuke, apresentam aos leitores embates na crítica literária japonesa do século XX, em particular a querela em torno da representação política e da criação literária. Tal debate se localiza no exato momento em que ascendem os movimentos artísticos cujos temas centrais eram o retrato da vida do proletariado japonês, por um lado, e a tentativa de expansão do próprio movimento revolucionário, por outro. As questões de estética e representação política estão presentes em ambos os textos e trazem para a cena diferentes perspectivas do que estava em jogo no âmbito da criação literária e das vozes julgadas adequadas para serem figuradas nas obras. As traduções apresentadas são de Fabio Pomponio Saldanha (DTLLC-USP), Felipe Chaves Gonçalves Pinto (DLO-USP), Gustavo Perez Katague (DLO-USP), com revisão de João Marcelo A. R. Monzani (UFRJ).

“Uma cena de Fausto”, de Aleksandr Púchkin, traduzido por Joaquim F. M. Neto (DTLLC-USP), retoma o clássico da literatura alemã a partir do empréstimo das vozes de Fausto e Mefistófeles, ao mesmo tempo que cria nova elaboração sobre o tédio e a monotonia.

*

A parte final da revista, com sua seção de *Criação*, traz ao leitor poemas de Zainne Lima da Silva, Fernando Miranda, Paulo Pivaro e Rogério Batalha, além de três pequenos contos de Rafael Souza Santos.

*

Por fim, a capa deste número é assinada por Cleiton Oliveira da Silva, desenho inspirado em uma cena do filme *Vento do Leste*, de Jean-Luc Godard, em que Glauber Rocha canta o refrão da canção “Divino, maravilhoso”, de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Posto que os temas presentes nesta edição de *Magma* convirjam para o engajamento político e suas questões estéticas, a cena retratada fica também como homenagem do artista e, por extensão, da revista a Gal Costa (1945-2022), perda recente e irreparável da cultura brasileira, que eternizou os versos cantados no filme de Godard, e que agora nos servem também de mote: “É preciso estar atento e forte/ Não temos tempo de temer a morte”.

*

Desejamos ao público leitor uma boa leitura!

Comissão Editorial da 